

## Histórias Bordadas em Mim

Espectáculo de Agrinez Melo/Doceagri (PE), apresentado no dia 17 de outubro de 2016, no Teatro Capiba/SESC Casa Amarela, durante a programação da IX Mostra Capiba de Teatro, no Recife (PE).

Comentário crítico por Leidson Ferraz\*

O teatro documental, no estilo biodrama, é sempre egóico? Sim, por acreditar que suas histórias particulares podem, de fato, atingir os mais variados espectadores numa pretensa identificação coletiva. A notar a crescente proliferação de monólogos na cena teatral pernambucana (tanto que a IX Mostra Capiba de Teatro, promovida pelo SESC Casa Amarela, no Recife, contou com programação específica de espetáculos teatrais solo em 2016), e se observarmos aqueles de caráter revelador da trajetória de vidas reais, tais trabalhos têm conseguido ultrapassar os limites do testemunho único e ganhar ressignificação coletiva, basta acompanhar a resposta positiva das plateias a tais empreendimentos. Mas o que faz com que, por mais distantes que sejam as tramas ali reveladas, toquem afetivamente, ao menos por alguns instantes, pessoas as mais diversas?

Coincidência ou não, a família tem sido tema recorrente nas montagens deste estilo por mim vistas. E, ausente ou não, família é algo que sensibiliza a (quase) todo o mundo. A atriz, iluminadora e figurinista Agrinez Melo, em seu solo assumidamente autobiográfico, *Histórias Bordadas em Mim*, aventurando-se também nas funções de dramaturga e diretora, costura algumas de suas experiências reais tendo como linha-mestra a família. Constantemente, é a mãe, as irmãs, os avôs, o filho ou os parceiros amorosos que recheiam seus depoimentos, nos aproximando do seu universo aparentemente tão particular. Afinal, é sua intimidade que ganha relevo neste contar, neste revelar-se, nesta colcha de aventuras e desventuras, desde a infância até o momento atual como atriz, mãe e mulher, que tenta nos laçar, como se tivéssemos feito parte do seu enredo de vida ou se aquilo realmente interessasse a cada um de nós, inclusive àqueles que não fazem parte do seu convívio.

Não há nada mais pretensioso do que esse tipo de teatro (é problema ressaltar isto?), no entanto, ela consegue transformar-nos em cúmplices de seu narrar e alguns fatores a ajudam nesta empreitada. Para além do aspecto familiar, tema recorrente nos biodramas teatrais, conta a seu favor um brilho no olhar que é bem próprio seu e, inclusive, é ressaltado

como necessário a seguir em frente apesar de todos os desafios que lhe chegam; além de um carisma inerente – não por acaso ela nos recebe de braços abertos se finaliza a sessão agradecendo por esse tempo partilhado de depoimento e escuta, estratégias de aproximação ainda maiores com o público. A questão é que, nas escolhas de cena por ela feitas, seus bordados de histórias entram em desalinho, tanto dramáticos, pela superficialidade com que os temas de maior dor são tratados (alguns até mais significativos que o seu envolvimento familiar, a exemplo da posição de mulher negra e da beleza que desperta assédios tão incômodos), como de artifícios cênicos que reclamam maior teatralidade, desde a participação do músico Talles Ribeiro, tão minimamente aproveitado; da luz estanca, da atitude sempre frontal, da mão que não ganha força teatral nas suas explicações, quanto dos adereços, que pouca potência acrescentam ao que está sendo narrado.

Por tudo isso, certamente a condução do trabalho o aproxima muito mais de uma contação de histórias (sem querer desmerecer esse estilo), do que mesmo uma encenação teatral. Valorizando excessivamente a palavra, a montagem perde por sua extrema timidez no que é levado à cena. Chama ainda mais atenção a opção por subverter uma característica recorrente na maioria dos biodramas por mim conferidos e que, ao meu ver, expandem o valor da palavra: não existe a dúvida sobre os acontecimentos revelados, a dualidade entre o ficcional e o real, o que pode ser vivido e o imaginativo, indo na contramão do que geralmente tem sido feito nos trabalhos solos deste estilo. Em se tratando do palco, há mais contras nesta escolha. Perde-se o jogo teatral, o brincar do possível faz-de-conta, e o seu falar tão milimetricamente decorado é sintomático disso. Ou seja, tudo permanece estanca para o espectador, entregue demais, não há dúvidas, dissensos, contradições, titubeios, os não ditos.

Um relato que, aparentemente sem conflito para a atriz-contadora, perde, no meu entender, o seu caráter cênico exatamente por não instaurar outras janelas ao narrado. Talvez estes mergulhos íntimos ganhassem ainda mais vitalidade se não precisassem “fugir” do “delicado que dói”, e, com maior profundidade ao expor-se, conseguissem transcender ainda mais as possíveis distâncias entre ela e seus espectadores. Afinal, como diz o pesquisador teatral José da Costa no artigo “Solos cariocas: subjetividade e políticas de cena” (Rio de Janeiro: Sala Preta, 2009, p. 193. Disponível em: [www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57337/60319](http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57337/60319)): “Essas fissuras internas [e aqui ele refere-se às múltiplas vozes que podem habitar num discurso solo] impedem que a fala se constitua como relato de situações totalizáveis e internamente coerentes. Não há sujeito

unificado e idêntico a si mesmo”. Fica a provocação para Agrinez Melo reexplorar, ainda mais, tanta narrativa intimamente bordada.

\*Jornalista e pesquisador teatral, autor de livros sobre a história do teatro pernambucano.

Contato: [leidson.ferraz@gmail.com](mailto:leidson.ferraz@gmail.com)

- *Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.*